

MILTON

HATOUIM

A NOITE
DA ESPERA


COMPANHIA DAS LETRAS

2.^a EDIÇÃO



Inverno e silêncio. Nenhuma carta do Brasil.

Paris, dezembro, 1977

Cidade gelada, nem sempre silenciosa: algazarra de turistas na travessia de uma ponte sobre o Sena. Somos do mesmo país, andamos para margens opostas. Essas gargalhadas e vozes são verdadeiras?

Hoje, em Neuilly-sur-Seine, meu aluno francês ofereceu-me café e quis conversar um pouco sobre o Brasil. O bate-papo, de início besta, aos poucos rondou um assunto mais cabeludo, que logo ficou grave; para ir da gravidade ao terror político bastaram duas xícaras de café e uns biscoitos. No fim, meu aluno, mudo, pagou os quarenta francos da aula e me deu dez de gorjeta. Foi o lucro desta tarde fria e cinzenta.

Embolsei os francos e caminhei pelo Bois de Boulogne: árvores sem folhas, uma fina camada de gelo no solo, canto de pássaros invisíveis. A quietude foi assaltada por lembranças de lugares e pessoas em tempos distintos: Lázaro e sua mãe no barraco de Ceilândia, a voz do Geólogo no *campus* da Universidade

de Brasília, a aparição de uma mulher no quarto de um hotel em Goiânia, o embaixador Faisão recitando versos de um poeta norte-americano: «Apenas mais uma verdade, mais um/elemento na imensa desordem de verdades...»

Outro dia vi o rosto de Dinah, segui esse rosto e deparei com uma francesa, que se surpreendeu com o meu olhar; outros rostos brasileiros apareceram em museus, na entrada de um cinema em Denfert, nas feiras da cidade.

Peguei o metro até Châtelet, toquei violão no subterrâneo abafado e me lembrei das lições de música da Cantora. Não ouvi a língua portuguesa na plataforma nem nos corredores, peguei as moedas na capa do violão e andei pelo Marais até o Royal Bar. Um conhaque. Abri meu caderno de anotações e esperei meus três amigos, brasileiros. Marcámos às sete da noite.

Pessoas encapotadas passam na calçada da Rue de Sévigné, vozes enchem o Royal Bar, lá fora um saltimbanco atravessou o ar gelado e pediu uma moeda a uma mulher.

Oito e quinze da noite. Damiano Acante, Julião e Anita furaram.

Nem tudo é suportável quando se está longe...

A memória ofusca a beleza desta cidade.

Meu senhorio é um casal angolano que fugiu da guerra. Durmo neste quartinho em forma de trapézio; o teto é inclinado, só posso ficar de pé quando me aproximo da mesinha encostada na parede da janela. Almoço por aqui mesmo, num bistrô da Rue de la Goutte-d'Or, ou do Boulevard de la Chapelle, a caminho do metro; depois atravesso a cidade para dar aulas particulares,

na hora do *rush* desço na estação Châtelet, ganho uns trocados com a voz e o violão, e volto a Aubervilliers depois das dez da noite, quando os dois angolanos dormem. Ele é porteiro de um hotelzinho do bairro, e a mulher está desempregada. Conversam pouco comigo, sempre em português, e entre eles falam em quimbundo.

Hoje acordei assustado, levantei para beber água e bati com a cabeça no teto baixo. Manhã escura, meu mau humor cresceu com a lembrança do sonho.

De noitinha, fui ver Julião e Anita num café do Boulevard Arago. Julião me deu uma caderneta de capa verde, manchada, folhas enrugadas. Li na primeira página um poema de Ox e tentei decifrar os garranchos das outras.

— Meus últimos dias no Brasil, Martim. A debandada geral, cara... Lúcifer solto na Pauliceia. Não quero guardar a porra desse diário. Se eu reler esses rabiscos, vou sentir mais saudade dos amigos, da escola de samba e da Vila Madalena. A saudade destrói e seca o coração.

— Eu também fiz anotações — disse Anita. — Acho que esqueci a caderneta em São Paulo, na casa do Ox. Eu tinha anotado a primeira noite com o Julião e outras coisas da nossa república na Vila Madalena.

Quando Julião foi atender um cliente, Anita disse que ele estava desanimado com a vida em Paris.

— Não sei se é o inverno ou a língua, Martim. Ele está aprendendo francês, mas ainda se atrapalha muito. Fala fazendo mímica, é o mímico deste bar. Os clientes se divertem quando ele gagueja em francês, faz mímica e diz baixinho: «*Pardon, pardon.*» Ganha uns trocados com o *show*, depois solta uns palavrões em português. No fim da noite, ele se lembra do Brasil e fica na fossa. Com tanta saudade assim, acho que vai adoecer.

Rue de la Goutte-d'Or, Paris,
2 de janeiro, 1978

— Você passou o Ano Novo aqui, olhando a noite por essa janelinha? — disse Damiano Acante.

Era o nosso primeiro encontro em Paris. Minha decisão de viajar para cá foi, em parte, influenciada por Damiano. Na nossa última conversa em São Paulo, ele me deu o número de um telefone parisiense e disse:

— Você aluga um quartinho num bairro de imigrantes, Martim. Um teto provisório. Pode dar aulas de Português e pagar o aluguel. No final de dezembro, quando eu chegar em Paris, arranjo um estúdio para você.

Damiano ainda ficou uns dias em São Paulo, não sei qual foi o trajeto da viagem dele: as fronteiras por onde passou, as escalas até desembarcar em Paris. Um expatriado pode esquecer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso do exílio é, às vezes, um caminho sem volta.

Ele mantinha a mesma expressão serena e misteriosa, a mesma voz sem alarde, só alterada quando dirigia os ensaios de uma peça. O rosto meio chupado estava ensombrecido por uma barba grisalha, que diminuía ainda mais os olhos pequenos. Não disse onde morava. Sentado no colchão, observou o teto inclinado da mansarda, depois olhou de relance os livros e cadernos na sacola de lona. Pegou um texto encadernado, deu uma folheada e perguntou:

— Você guardou o *Prometeu Acorrentado*? Será que vale a pena colecionar fracassos?

Em seguida se desculpou por não ter ido ao Royal Bar na semana passada:

— Foi complicado deixar o Brasil, Martim. Complicado e arriscado.

— Todos me deram bolo no Royal Bar — disse eu.

— Todos, como?

— Você e dois amigos de São Paulo: Julião e Anita. Trouxeram dinheiro de São Paulo e alugaram um estúdio na Rue Daguerre.

— Rue Daguerre é um lugar caro. Você pode alugar um estúdio num bairro mais barato, Martim. A proprietária é uma amiga francesa, uma companheira. O estúdio fica na Rue d'Aligre, a rua do mercado, ao lado da Place d'Aligre. O aluguel é uma pechincha: quatrocentos francos.

Quatrocentos francos por mês: o valor de oito ou dez aulas de língua portuguesa. Pago sessenta por semana por um quarto em que mal posso ficar de pé.

— Vou dividir esse estúdio com alguém?

— Não. É um estúdio pequeno, mas um pouco mais espaçoso que este canil. E tem um banheirinho.

Colocou o texto de *Prometeu* na sacola:

— A embaixada de Cuba ajuda um pequeno grupo de exilados: o Círculo Latino-Americano de Resistência, Clar. Vamos imprimir um boletim de notícias e um tabloide. Você apenas nos ajuda a distribuir exemplares. De vez em quando um amigo brasileiro vai dormir no estúdio, mas por pouco tempo. Você tem medo de alguma coisa? O pior já passou, Martim. Sei o que você está sentindo. Tenho muitos contactos no Brasil, não desisti de procurar tua mãe.

Última noite na Rue de la Goutte-d'Or, Paris, inverno, 1978

Minha mãe me esperava havia anos na casa de madeira de um sítio; perguntou porque eu tinha demorado tanto para encontrá-la.

Onde era esse sítio? Ipês floridos na paisagem ondulada, o céu e a luz do Planalto Central. Podia ser um sítio perto de Brasília, algum lugar no Distrito Federal ou em Goiás.

Queria ter perguntado: quem demorou, mãe? Quem adiou nosso encontro?

Não disse nada no sonho, e fiquei remoendo meu silêncio.
Agora, acordado, é tarde demais.

Rue d'Aligre, Paris, março, 1978

Tirei da sacola a papelada de Brasília e São Paulo: cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos, quase todos distantes; alguns perdidos, talvez para sempre.

Comecei a datilografar os manuscritos. Anotações intermitentes, escritas aos solavancos: palavras ébrias num tempo salteado.

1.

Rue d'Aligre, Paris, março, 1978

Um artista, um pintor. Sabia apenas isso do homem que seduziu minha mãe. Em 22 de dezembro de 1967, ela saiu de casa e foi viver com o artista. Essa decisão inesperada, talvez intempestiva, me perturbou. Meu pai tinha certeza de que minha mãe voltaria, mas ela me disse que não o amava mais, e que nós dois e o artista moraríamos juntos.

Uma tarde meu pai me flagrou conversando com Lina, pegou o telefone e disse que era tudo uma vadiagem. De repente o rosto de Rodolfo empalideceu.

— Como isso pôde acontecer? Onde você está morando? Você vai desgraçar minha vida? E o nosso filho?

Sem me olhar, fez um gesto com a mão: que eu saísse do apartamento.

Do lado de fora, escutei a voz repetir:

— Nunca mais, nunca mais...

Rodolfo não me contou o que Lina lhe havia dito, e essa conversa permanece secreta.

Morávamos num pequeno apartamento na Rua Tutoia, minha mãe dava aulas particulares de Francês no Paraíso, na Bela Vista, nos Jardins e na Vila Mariana; não queria depender do meu pai, um engenheiro civil, formado na Escola Politécnica.

Passei o Natal de 67 com Lina e tio Dácio no chalé dos meus avós maternos, em Santos. Minha avó Ondina e sua empregada Delinha prepararam peixe ao forno e um suflé de camarões e frutos do mar; Ondina se dirigia apenas ao marido, que sempre foi mais maleável que ela. Para meu avô, um temporal na Baixada Santista, uma greve dos portuários, uma criança perdida no mangue, um louco que aparecia nu no canal de José Menino, tudo estava nas mãos do destino. E foi ao destino que ele atribuiu a separação dos meus pais. Ondina não lhe deu atenção: falou da fraqueza moral e sentimental da minha mãe, das fantasias que nos castigavam. Eu ia elogiar o suflé, o peixe e os pastéis de nata, mas Lina se antecipou.

— Não é fraqueza nem fantasia, disse ela, amassando um guardanapo. — Não posso mais viver com Rodolfo... e nem quero falar disso na frente do meu filho.

O fim da noite natalina foi fúnebre: Ondina saiu da mesa e avisou que não ia festejar o Ano Novo. Escutámos passos no corredor, Delinha seguiu esses passos e as duas mulheres desapareceram. Meu avô, bem-humorado, sugeriu um passeio até ao porto.

— Nessa escuridão?

— Lá fora está menos escuro que nesta sala, Dácio. Parece que apagaram tudo aqui dentro. Martim vem comigo?

Andámos pelas ruas do Macuco até ao canal. As catraias estavam encostadas nas margens, a passagem do canal para o estuário formava um meio círculo escuro, parecia a entrada de um túnel tenebroso. Os vagões de carga estavam inertes na linha do trem; mais longe, os guindastes, empilhadeiras e armazéns eram formas quase indistintas. A ausência de marinheiros e de estivadores e a iluminação fraca no canal e no cais adensavam o silêncio no porto do Macuco, como se o mar tivesse secado

na noite natalina. Contornámos a outra margem e, na travessia da pequena ponte sobre o canal, vimos dois corpos deitados numa catraia que oscilava na margem.

— Ondina não se conforma com a separação dos teus pais, disse meu avô. — Nunca vai aceitar. Ela não devia se intrometer nessa história, mas a gente pode mudar a natureza de uma pessoa? Sei que Lina gosta de outro homem, Martim. Mas não é só isso. Você ouviu tua mãe dizer que ela não pode mais viver com o teu pai. O destino dela está nessas palavras.

Quando perguntei porquê, ele me abraçou, antes de dizer:

— É difícil explicar. Um dia você vai descobrir os motivos.

No chalé, todos dormiam; deitei ao lado da minha mãe e bem cedinho regressámos a São Paulo. Fiquei na Rua Tutoia, e tio Dácio foi embora com minha mãe. Nesse dia, comecei a arrumar minhas coisas para morar com ela e o artista. Meu pai aproveitou o feriado para encaixotar os livros de engenharia e fazer a mala.

Ele ia se mudar para o nosso bairro ou para longe do Paraíso?

O homem estava ressentido demais para dizer uma palavra; era raro meu pai falar diretamente comigo: as palavras dirigidas a mim eram ditas à minha mãe, e agora não havia espelho nem anteparo às palavras paternas. Foi nesse quase mutismo que vivi a última semana de dezembro. Na manhã do dia 31, minha mãe telefonou: que eu fosse ao apartamento do tio Dácio, nós íamos almoçar no centro.

Ele morava num quarto e sala na Avenida São Luís; o quarto era um laboratório fotográfico, tio Dácio dormia na saleta quase vazia, os livros arrumados numa estante de aço; nas paredes, fotografias em preto e branco de rostos de imigrantes portugueses, espanhóis, italianos, e o retrato de uma família num

cortiço do Bexiga. Lina tentava vender essas fotos às suas alunas e aos clientes da Livraria Francesa; ela o visitava à revelia do meu pai, que reprovava o trabalho do cunhado:

— Largou a engenharia para ser fotógrafo marginal. Cedo ou tarde vai puxar carroça no centro de São Paulo e dormir num cortiço.

Na última visita do tio Dácio à Rua Tutoia, Rodolfo interrompeu uma conversa sobre poetas e fotógrafos, e disse que o progresso e a civilização eram um triunfo da engenharia. Tio Dácio negou essa frase com um sorriso irônico, depois disse que vários engenheiros, médicos e cientistas foram também grandes artistas.

— Nossa turma da Politécnica estudou os cálculos do engenheiro e poeta Joaquim Cardozo. Você se interessou pela estrutura da igreja da Pampulha, Rodolfo. Estudou a estrutura complicada da catedral de Brasília. Niemeyer projetava e Cardozo fazia os cálculos estruturais. Os dois são artistas.

Tio Dácio e meu pai tinham sido colegas na Politécnica; quando se diplomaram, meus avós e Lina subiram a serra para participar da festa de formatura, onde Rodolfo conheceu minha mãe, uma moça de dezanove anos que acabara o colegial e queria estudar literatura na USP, mas Ondina a proibiu de morar na capital.

Como teria sido essa festa de engenheiros recém-formados, o primeiro encontro de Rodolfo com Lina, a ex-aluna do Stella Maris bailando com o jovem engenheiro, os dois vigiados por Ondina? Minha mãe subiu a Serra do Mar para casar e sair da casa dos pais, pensei, e eu sou filho desse baile de formatura.

A noite da espera

Paris, 1978: Martim prepara-se para, escrevendo um diário, recuperar a memória dos tempos que viveu em Brasília. Submerso em cadernos, fotografias, folhas soltas, guardanapos rabiscados, cartas e diários de amigos, vai revivendo e recompondo os anos da sua formação, anos plúmbeos de feroz ditadura, anos auspiciosos de novidade.

Nos anos 1960, muito jovem, Martim vê os pais separarem-se. Muda-se então de São Paulo para Brasília com o pai. Na cidade recém-inaugurada, trava amizade com um grupo de adolescentes de contextos sociais e familiares diversos. Une-os um projeto cultural e a luta contra o cerco do regime. Com eles, graças a eles, vai descobrindo o amor, o sexo, a amizade, a literatura, a política e o medo.

Pairando sobre o fulgor da descoberta, há duas nuvens negras ensombrecendo a vida de Martim: a repressão política dos anos mais duros da ditadura e a dor da separação da mãe. O pai, com quem vive uma relação fria e intermitente, não basta para preencher o vazio aberto pelas cartas que a mãe não lhe escreve, pelos gestos de amor que não lhe estende, pelo reencontro sempre adiado. O fardo desta ausência pesará sobre Martim mesmo quando procurar o consolo no exílio em Paris.

Num magistral romance de formação, primeiro de uma trilogia aclamada pela crítica, Milton Hatoum transita com a habilidade que lhe é própria entre as dimensões pessoal e social do drama e faz de uma rutura familiar a outra face de um país dividido.



ROMANCE FINALISTA DO PRÉMIO OCEANOS

AUTOR TRÊS VEZES VENCEDOR DO PRÉMIO JABUTI

«No quarto do Grande Hotel em Goiânia terminei a leitura, fiz anotações e passei o resto da noite numa quase vigília, à espera da mulher que bateria à porta e dormiria ao meu lado. A crença de que a qualquer momento ela chegaria dificultou meu sono, eu emergia assustado de um cochilo e via o rosto da minha mãe num lugar sombrio do quarto, ou deitada na cama, o corpo quieto e frio como o de uma morta; essas visões, entre o milagre e o sobrenatural, me assustavam e me deixaram prostrado na longa noite da espera.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-589-980-7



9 789895 899807